

**ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA:
SOBRE A VIDA E A OBRA
DE UMA LINGUISTA HISTÓRICA BRASILEIRA**

Américo Venâncio Lopes Machado Filho (UFBA)
americovenancio@gmail.com

1. Palavras iniciais

Este texto foi elaborado em homenagem à *Professora Rosa Virgínia Mattos e Silva*, pessoa que conjugou duas qualidades humanas essenciais: a amizade verdadeira, porque desinteressada; a generosidade intelectual, porque formadora.

2. Introdução

Em um fragmento de um *Flos Sanctorum* do século XIV (MACHADO FILHO, 2009, p. 175-176), um frade pergunta a um monge velho de grande santidade:

– Que é o que salva o homem? O nome ou a fama ou a obra que faz?

E o monge velho respondeu e disse:

– A obra que faz.

Muitos séculos depois, em outro fragmento de um texto, um português de grande maturidade poética (PESSOA, 1977, p. 160) diz em verso:

A morte é a curva da estrada,
Morrer é só não ser visto.
Se escuto, eu te oiço a *passada*
Existir como eu existo (...).

Rosa Virgínia Barretto de Mattos Oliveira e Silva, ou simplesmente *Rosa Virgínia Mattos e Silva*, acreditava que duas metáforas, empregadas por dois expressivos linguistas coetâneos, Roger Lass (1997, p. 45) e William Labov (1982, p. 20) bem definiriam “o tipo de dados de que dispõem os que trabalham no campo da linguística histórica” (MATTOS E SILVA 2008a, p. 7): “hearing the inaudible” e “the art of making the best use of bad data”, traduzidos, respectivamente, por ela como “ouvir o inaudível” e “a arte de fazer o melhor uso de maus dados”.

É com essas ideias que inicia *Rosa Virgínia* um de seus últimos livros, *Caminhos da Linguística Histórica*, de 2008, fazendo com que se ouvisse ainda mais alto o *passado* ou, para acreditar na força da poesia e do poeta, antes evocada aqui, que se continuasse a ouvir sua “*passada*”, existindo pelas esquinas ou pelas curvas de sua obra.

Professora *Rosa Virgínia*, com a precisão que lhe era peculiar, registrou um dia no papel, *ipsis litteris*, que foi “mordida, definitivamente, pela história da língua”, no remoto ano de 1961 (MATTOS E SILVA, inédito), quando, já graduada em línguas anglo-germânicas, pela Universidade Federal da Bahia, tinha, como resultado de pesquisa mais expressivo, a edição do *Livro das Aves*, trabalho de que participou juntamente com suas colegas Vera Rollemberg, antes Vera Sampaio, e Jacyra Mota, sob a orientação de seu grande mestre, Nelson Rossi, e que viria a ser publicada em 1965, pelo Instituto Nacional do Livro.

Não foi, porém, com essa obra que seu nome inaugura uma vasta produção bibliográfica que viria a destacá-la como uma das mais rendosas linguistas nacionais contemporâneas, pesquisadora I-A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e referência bibliográfica obrigatória em pesquisas sobre a história da língua portuguesa.

Em 1963, já estreava seu nome, mesmo diafanamente, na cortina dos colaboradores responsáveis pela execução das cartas do *Atlas Prévio do Falares Baianos* (APFB), sob a mesma coordenação de Nelson Rossi, na publicação do primeiro grande trabalho dialetal brasileiro, cujos cinquenta anos se comemoram ainda em 2013, com um evento para poucos participantes, na Bahia, e em 2014, no Paraná, em um congresso maior, em homenagem a duas importantes participantes desse projeto, as professoras Suzana Alice Marcelino Cardoso e Jacyra Andrade Mota, suas colegas e amigas.

Eram os dois trabalhos anteriormente indicados – produzidos sob a orientação de Rossi – o prenúncio de seu envolvimento perene com a história da língua, que, para a autora, deveria buscar integrar perspectivas diferentes das ciências da linguagem, como um olhar que

se alarga e se estreita, não se podendo deixar de pensar tanto na Linguística Histórica no seu sentido estrito e antigo – a mudança das línguas ao longo do tempo –, como na Linguística Histórica, em seu sentido lato e recente, que abarca as manifestações contemporâneas de fatos linguísticos não coetâneos (MATTOS E SILVA, 1993, p. 07),

estabelecendo, por isso, uma interlocução múltipla com aspectos dominantes da sociolinguística da segunda metade do século 20, com os da dialetologia, mais antiga, do século anterior, e com a filologia, de sempre. A linguística formal – a gerativista, sobretudo – não integrava seu leque pessoal de opções teóricas, conquanto tenha tido no PROHPOR, Programa para a História da Língua Portuguesa, que criou e coordenou de 1991 a 2012, ano de seu falecimento, alguns alunos e pesquisadores que conjugaram em seus trabalhos elementos dessa corrente de investigação na análise de dados do português arcaico. Seria algo próximo à tendência a que chamou Tarallo (1986) de personalidade laboral linguística zeligiana, isto é,

(...) o lingüista existente em nós deveria ser, na realidade, mais *zeligiano* que o pretendemos e o fazemos. Em outras palavras, uma certa dosagem de *falta* de personalidade acirradamente teórica poderá levar o lingüista a resultados mais condizentes com os fatos que se propõe a analisar (TARALLO, 1986, p. 128-9).

A própria natureza do trabalho pós-doutoral de *Rosa Virgínia*, supervisionado pelo professor Celso Cunha, no Rio de Janeiro, entre os anos de 1979 e 1981, foi exemplo disso, já que, no final da década de 1980, vai, com base em sua formação estruturalista e essencialmente descritivista,

aplicar técnicas de análise descritiva a uma sincronia não-contemporânea, com vistas a ter-se sobre um *corpus* da fase arcaica da língua uma gramática estruturada que contivesse uma informação sistemática e exaustiva, que poderia vir a servir como ponto de referência para estudos da história da Língua Portuguesa (MATTOS E SILVA, 1989, p. 10).

Esse trabalho, como se sabe, foi publicado pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, em Portugal, em 1989, sob o título *Estruturas Trecentistas: Elementos para uma Gramática do Português Arcaico*, a que chamava carinhosamente de ET, livro que lhe permitiu auferir o prêmio de pesquisador do ano da Universidade Federal da Bahia e tem sido referência bibliográfica inalienável para os pesquisadores que se debruçam sobre esse período recuado da história da língua, no Brasil e no exterior. Uma edição anastática, comemorativa desse importante título, veio a lume em 2010, pela Editora da Universidade Federal da Bahia, já que há muito a edição portuguesa se esgotara. Importante dizer que

Rosa Virgínia Mattos e Silva quis “deixar inscrito”, em sua apresentação, que os primeiros destinatários do livro seriam “os estudantes que se interessam pela história da Língua Portuguesa” e que seria ainda seu desejo que esse trabalho pudesse “vir a tornar outros por ela também interessados” (MACHADO FILHO, 2010, p. 03).

Pode-se dizer que, hoje, muitos jovens têm cumprido esse desiderato, tendo os estudos históricos exibido crescente interesse por uma geração, a que, há algum tempo, *bites*, *bytes* e *megas* já não bastam, senão as novas dimensões de *gigas* e *terabytes* de um mundo multimidiático, multifacetado e pletórico, em opções. Inobstante, no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA, todos os anos a seleção para os cursos de mestrado e doutorado traz novas candidaturas interessadas no passado da língua e muitas defesas têm sido aprovadas na área da linguística histórica. Professora Rosa Virgínia formou, nesse campo do conhecimento, durante seu exercício profissional, 23 (vinte e três) mestres e 12 (doze doutores), para além de ter tido sob sua responsabilidade diversas orientações de iniciação científica, deixando um legado de compromisso, assumido por seus discípulos, em prol da continuidade do que iniciou.

Quando era jovem, ainda nos meados dos anos de 1960, no período do MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), dos Centros Populares de Cultura e do Movimento de Educação da Bahia, Rosa Virgínia registrou na memória que uma colega – que se considerava marxista, como convinha aos intelectuais da época – perguntara-lhe por que “queria estudar o português arcaico, quando havia tanta gente para alfabetizar no Brasil” (MATTOS E SILVA, inédito). A jovem Rosa Virgínia lhe responde com uma simplicidade estrutural ao estilo gregoriano, senão beneditino: “– Olha, (...) muita gente está alfabetizando pelo Brasil e poucos se dedicam ao passado da língua portuguesa. No meu caso, tanto posso alfabetizar, como pesquisar o português do período arcaico” (*Idem*).

É como se se ouvisse o que disse o mestre a seu discípulo Pedro, em um dos mais conhecidos documentos medievais portugueses: os *Diálogos de São Gregório*: “menor cousa he entender | ca ensynar e dizer aoutrẽ ca nõ | ensina senõ quem emtende. E | mujtos som que entendem e nõ | sabem ensinar” (MACHADO FILHO 2008, p. 102).

O trabalho de alfabetização não logrou sucesso, senão por uma rápida experiência, juntamente com o Professor Lindley Cintra, em Estremoz, no Alentejo português, no período ainda sob o jugo ditatorial salazarista, mas sua preocupação com o ensino da língua portuguesa compensou largamente sua ausência nas salas de alfabetização, passando a ser um tema constante em sua *opera omnia*, sobretudo por compreender que, no Brasil, o “português são dois”, verso de que Rosa Virgínia epigraficamente se apropriou para compor o título de seu livro de 2004, a

partir do sentimento poético de Drummond, emanado da memória daquele mineiro sobre as aulas com o Professor Carlos Góis (1881-1835), inusitado “desmatador da Amazônia” de sua alegada “ignorância linguística escrita”.

Muito antes, já havia publicado *Professora Rosa Virgínia* o livro *Contradições no ensino de português* (1995), que pode ser considerado forte exemplo de sua preocupação constante com o ensino da língua, no “reconhecimento e conhecimento das normas sociais e de outros usos linguísticos no Brasil para uma aplicação pedagógica” (1995, p. 45). Aliás, nunca se definiu propriamente como uma linguista, mas como uma professora de português. Que seja esse talvez seu maior paradoxo! Aliás, sobre a ideia do paradoxo, seu sogro, o intelectual português, professor Agostinho da Silva, disse certa feita: “Não sou do ortodoxo nem do heterodoxo; cada um deles só exprime metade da vida; sou do paradoxo que a contém no total” (SILVA, 2006, p. 145), nada demais para um homem que “gostaria de beber da fonte de que brotariam juntas a lógica e a fantasia” (p. 62).

Não obstante, “alfabetizou” *Professora Rosa Virgínia* alguns de seus orientandos na leitura de textos medievais – uns mais do que outros –, permitindo que essa tradição, pouco preservada em certo momento da historiografia linguística brasileira, com o ocaso dos estudos históricos, no momento da alvorada da linguística teórica, no País, por volta dos anos 1960, não se perdesse, mesmo porque sempre considerou que o linguista histórico não pudesse prescindir de uma formação filológica, para o melhor enfrentamento do texto arcaico ou antigo e para o melhor processamento analítico dos aspectos da mudança em tempo real, objeto teórico de seu trabalho. Queixou-se por muito tempo, depois dos sessenta certamente, de que sua visão já não seria a mesma, atribuindo a perda de alguma acuidade visual a essa árdua tarefa de alfabetização “corpo a corpo” com textos medievais em letra gótica, sobretudo por ser esse trabalho realizado, quer na tela de um computador, quer nas máquinas leitoras de microfilmes. Pode-se dizer, em nome da conservação da vocação por trabalhos históricos na UFBA, que valeu a pena.

Mas recuando um pouco ao passado, sua formação filológica, iniciada em Salvador, com Rossi, continua e substancia-se em Brasília, em seu mestrado, quando edita – a partir do testemunho mais antigo dos *Diálogos de São Gregório*, escrito em língua portuguesa – o segundo livro do códice, isto é, o referente à vida de São Bento, tendo por base as

folhas de pergaminho quatrocentistas que se encontravam, e ainda se encontram, no Setor de Obras Raras da Biblioteca Central da UnB.

Em algumas oportunidades, trabalhou por divulgar esse importante dado, em alguns eventos nacionais e internacionais, isto é, a surpreendente e inusitada existência de obras medievais tão preciosas no Brasil, os manuscritos Serafim da Silva Neto, de que tanto se orgulhava de conhecer e de que possuía fotografias em casa, compostos pelo *Livro das Aves*, pelo *Diálogos de São Gregório* e pelo *Flos Sanctorum*, comprados pela UnB à viúva desse importante estudioso da história do português, Dona Cremilda de Carvalho e Silva, pela quantia de R\$ 2.000.000,00 (dois milhões de cruzeiros), que se indexado pelo Índice Geral de Preços da Fundação Getúlio Vargas (base agosto de 2000=1,00), equivaleria a R\$ 23.400,00 (vinte e três mil e quatrocentos reais).

Esse importante legado documental foi trazido para o Brasil no ano de 1950, por Silva Neto (1956, p. 105-6) que, sem grande margem para grandes conjecturações, assim resume sua história recente:

A história desses códices é simples. Alguns anos antes de 1925 o Dr. Jorge de Faria, ilustre intelectual português, adquiriu em Vila do Conde, pouco mais de duzentas folhas soltas de pergaminho, oriundas certamente do desbarato dalgum mosteiro ou casa religiosa, ou por causa da extinção das Ordens, em 1834,¹¹ ou por causa dos atos violentos que se seguiram aos acontecimentos de 1910.¹² Daí passaram às mãos do atual proprietário [ou seja, o próprio Serafim da Silva Neto].

Muitas dessas mais de 200 folhas não parecem ter chegado aos dias atuais, haja vista o *Flos Sanctorum* ser constituído, hoje, de 81 folhas¹³, os *Diálogos de São Gregório*, de 79, e o *Livro das Aves*, o que entre todos se encontra em estado de deterioração mais avançado e mais fragmentário, de apenas 8 folhas e meia, perfazendo o conjunto um total de 168 fólhos e meio, escritos dos dois lados.

¹¹ Essa data refere-se à restauração, por D. Pedro IV, de Portugal (D. Pedro I, do Brasil), em favor de D. Maria II, sua filha, do trono português que se encontrava em poder de D. Miguel. José Joaquim Nunes (1925:231) dá como data da extinção das ordens religiosas o ano de 1853.

¹² Esses acontecimentos relacionam-se com os movimentos que culminaram com a proclamação da República em Portugal no dia 05 de outubro de 1910.

¹³ Existe mais um fôlio, o de número 78, que se julgava pertencer ao conjunto do *Flos Sanctorum* em função da numeração moderna nele inserida, mas que foi devidamente identificado pelo professor Nelson Rossi como parte integrante dos *Diálogos de São Gregório*, corrigindo-se o equívoco da numeração moderna.

Por se tratar este congresso de um evento de filologia, crê-se ser oportuno retomar uma discussão promovida pelos desdobramentos de uma das mesas-redondas do Congresso Internacional da Abralín, que aconteceu no Rio de Janeiro, em 2003, de que participaram alguns expoentes nome da linguística histórica nacional, a exemplo de Carlos Alberto Faraco e, entre eles, a *Professora Rosa Virgínia Mattos e Silva*. Nesse evento, após uma provocação intelectual de um dos apresentadores, debateu-se, embora incipientemente, os perigos que cercam a história documental existente no País, levantando a necessidade de se procurar redefinir uma política nacional de conservação de seu espólio arquivístico, mesmo daqueles documentos que se encontrem sob a proteção de bibliotecas públicas ou privadas.

Como é óbvio que “não se pode fazer linguística histórica ou diacrônica sem a documentação remanescente do passado” (MATTOS E SILVA, 2008a, p. 14), *Rosa Virgínia* esteve sempre atenta à questão. Sobre isso, convém registrar que nos idos de 64, quando se instala o ditadura militar no Brasil, com a turbulência política vivida no País após o golpe, *Rosa Virgínia* retorna à Bahia, deixando “a Universidade de Brasília (a primeira) esfacelada (também logo ao nascer)” (MATTOS E SILVA, 1988, p. 9), mas não antes de testemunhar alguns desdobramentos importantes, nomeadamente ao que concerne aos documentos Serafim da Silva Neto, com que trabalhou.

E aí a força da expressão do que tem sido chamado de “verba volant” pode ser, às vezes, mais “verba manent” do que se poderia pressupor se comparada à ideia de “scripta manent”. Sua memória projetada em uma conversa pessoal permitiu recuperar um dado importante sobre a permanência desses textos no Brasil, o de que, durante 8 (oito) anos, teriam estado sob a guarda do Professor Nelson Rossi, que, demitido pela ditadura militar, assim como diversos outros professores que se encontravam na UnB, preocupado com o destino que se os poderia dar essa nova ordem nacional, carregou-os na mala até Salvador, após ser liberado, no retorno à Universidade Federal da Bahia, para assumir sua posição de professor catedrático de língua portuguesa. Os manuscritos só foram devolvidos, depois de muito tempo, à Universidade de Brasília, por ocasião das comemorações do quarto centenário da publicação de *Os Lusíadas*, no ano de 1972, precisamente no dia 12 de outubro, após longa tramitação burocrática e troca de correspondências entre a Universidade de Brasília e o Professor Nelson Rossi. Essa documentação está devidamente arquivada.

Rosa Virgínia, seu já então marido, Pedro Agostinho, e sua primogênita, Oriana, retornam também à Bahia e, três anos depois, em 1967, embarcaram, agora com o segundo filho, George Olavo, para o doutorado em Lisboa, sob a supervisão do professor Lindley Cintra, com vistas a editar, integralmente e criticamente, o códice com que havia parcialmente trabalhado no mestrado em Brasília, *i.e.*, os *Diálogos de São Gregório*, como antes referido, usando, para *collatio* ou *colação*, as versões alcobacenses B e C, para além de versões latinas (cf. MACHADO FILHO, 2013).

Durante esse tempo em Portugal, *Rosa Virgínia* conheceu Maria Helena Mira Mateus e a partir daí formaram com outros colegas, incluindo-se o professor Ivo Castro, um grupo de estudo de linguística. Foi a professora Maria Helena Mateus a responsável pela apresentação de *Rosa Virgínia* ao pessoal do Centro de Cálculo Científico, da Fundação Calouste Gulbenkian, despertando-lhe o interesse de agregar a seu trabalho de edição dos *Diálogos de São Gregório*, a elaboração de uma lista de palavras lexicais, com base no que havia de mais moderno na época, isto é, a perfuração mecanográfica de cartões, para processamento dos dados. Esses cartões existem ainda em seu apartamento na Avenida Sete de Setembro, em Salvador, assim como sua biblioteca particular que a tantos alunos e orientandos serviu. O destino desse importante material ainda está por se decidir.

Conquanto tenha sempre se considerado uma "dinossaura tecnológica", como costumava dizer em sala de aula ou nas conversas em seu gabinete na UFBA – por refutar qualquer contato com a parafernália cibernética moderna ou motores em geral, e aí registre-se que Rosa Virgínia jamais dirigiu um veículo automotor ou sequer aprendeu a andar de bicicleta –, teve ela, em seu apropriado tempo, a coragem, a visão e a disposição de enfrentar a inovação, já que não havia nada mais moderno, até então, do que o que se praticava naquele Centro de Cálculos Científicos da Gulbenkian. Hoje os alunos das universidades modernas que trabalham com o léxico, no viés lexicográfico e lexicológico em perspectiva histórica, têm, para além de formação filológica inicial, um momento posterior de introdução aos programas informáticos mais modernos e treinados no processo automatizado de fragmentação e interpretação de dados lexicais.

É interessante frisar que, quando o Grupo de Pesquisa PROHPOR foi constituído, sua plataforma de trabalho não incluía o léxico. No seu livro intitulado *O Português Arcaico: Fonologia*, de 1991, ao fechar o

volume, diz *Rosa Virgínia* que voltaria “com a Morfologia, a Morfossintaxe, a Sintaxe” e não excluiria o léxico. Mas, dessa feita, excluiu. O próprio título do livro de 1993, *O Português Arcaico: Morfologia e Sintaxe* revela isso. Não obstante, quinze anos depois, em 2008, em *O Português Arcaico: Uma Aproximação*, publicado em dois volumes, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, em Portugal, compensa isso, consumindo 225 páginas do primeiro volume com um capítulo exclusivo sobre o léxico em perspectiva histórica, com a interpretação de trabalhos de diversos autores nacionais e estrangeiros. “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, para abusar de uma das citações camonianas de sua predileção.

O subtítulo, *Uma Aproximação*, dessa obra generosa e solidária com novos pesquisadores – já que abusa volumosamente de citações, mesmo de autores praticamente desconhecidos, todas devidamente e obviamente identificadas –, mereceu da autora uma explicação, que, embora longa, se reproduz aqui:

Na primeira redacção do projecto deste livro, utilizei como título “O português arcaico – uma introdução”. Contudo, a escolha de *uma introdução* pareceu-me que pretendia estabelecer *verdades* sobre o período focalizado. O que pretendo, contudo, é com base no já existente e nas pesquisas desses últimos anos, com novos dados e renovadas interpretações, *aproximar-me* dos factos linguísticos desse período recuado no tempo (MATTOS E SILVA, 2008b, p. 13).

Afirma, ainda, que a decisão teria sido “influenciada pela seguinte reflexão de William Labov” (1994, p. 21): “A tarefa da Linguística Histórica é explicar as diferenças entre o passado e o presente, não (...) [havendo] como saber quão diferente ele foi”. Esse, por assim dizer, aforismo laboviano é uma marca nos trabalhos de *Mattos e Silva* e foi uma constante no papel de orientador por ela desempenhado, lembrando sempre a seus discípulos do risco e do perigo, para a história da língua e, consequentemente, para a ciência, de se afirmar categoricamente algo sobre sua trajetória, sem o devido “testemunho da dúvida”, para aqui fazer referência a um título bibliográfico do saudoso professor Heitor Megale (1995), da USP, outro importante estudioso da história do texto e da língua portuguesa e também interlocutor eventual em diversas oportunidades acadêmicas.

Convém que se registre que a ideia de *aproximação* utilizada por ela, em sua mais volumosa última obra, já se encontrava presente em seu mais conhecido e, quiçá, mais importante trabalho, *Estruturas Trecentis-*

ta: *Elementos para uma Gramática do Português Arcaico*, finalizado em 1984 e, finalmente, publicado em 1989.

Ao refletir sobre a relação entre *corpus* e possíveis gramáticas a serem elaboradas do português arcaico, considerava *Mattos e Silva* quatro possibilidades. Na primeira delas, serviu-se do termo *aproximação* como corolário de seu pensamento, conquanto considerasse essa provável gramática “pouco objetiva”, como se depreende na citação abaixo:

Uma gramática do português arcaico pode estar fundamentada em informações mais ou menos dispersas que o seu autor possua decorrentes do convívio com a documentação do português arcaico. Seria uma gramática impressionística, de elaboração relativamente pouco onerosa, mas que se constituiria apenas em uma *aproximação* pouco objetiva da realidade da “língua arcaica” (1989, p. 35 - Grifo nosso).

No segundo tipo de trabalho de construção de uma pesquisa dessa monta, poderia seu autor, segunda ela, aproveitar-se de “dados reunidos em gramáticas históricas do português”, não operando, nesse caso, sobre dados primários. Na terceira forma de construção de uma gramática do português arcaico, que define como *ideal extrema*, o pesquisador, apoiado por um grupo articulado na investigação em diversos níveis de análise, “deveria explorar em sua totalidade toda a documentação remanescente desde os primeiros documentos escritos até às últimas produções do século XV”. Entre o ideal e o impressionístico ou aproximativo, como considerava naquele momento, sugere o que se poderia chamar de gramática de compromisso, denominada por ela de *representativa*, a última de sua proposição.

Mas, para a execução desse objetivo, acreditava *Mattos e Silva*, àquela época, que gramáticas parciais sincrônicas deveriam preceder o trabalho de construção de uma gramática geral diacrônica da língua, em que a adequada definição de metodologia e de *corpora* seria condição *sine qua non* de elaboração.

Construí, então, sua gramática parcial e sincrônica que, embora tenha para isso utilizado como *corpus* um único texto, os *Diálogos de São Gregório*, se constituiu em fonte inopinadamente *representativa* do comportamento gramatical do momento de transição entre a primeira e a segunda fases do português arcaico, em função do lapso bibliográfico existente até então ou mesmo presentemente desse período da língua. O termo *aproximação* volta tardiamente à obra de 2008, talvez pela consciência de que, por maior esforço que possam os homens empregar, será sempre “fragmentária a história das línguas”, como costumava dizer, pois

é a verdade inapreensível em sua essência, já que circunstancial e dependente da perspectiva do olhar. É como estar pela primeira vez dentro de um elevador, sem nunca ter visto a construção de um edifício.

Os limites cronológicos do período arcaico da língua portuguesa sempre mereceram de *Mattos e Silva* sua especial atenção. Começava suas aulas de sua disciplina preferida, *A Língua Portuguesa: Das Origens ao Período Arcaico* – inconfortavelmente codificada na UFBA pelos temidos números 666, relatados na Bíblia, no *Apocalipse*, como o número da besta, do monstro ou do Anticristo –, de que se ria e fazia questão de lembrar, procurando demonstrar as diferentes propostas taxionômicas com que têm lidado os estudiosos desse tão caro e especial a si, momento histórico da língua.

No livro de 1991, *O Português Arcaico: Fonologia*, sumariza, com base em uma publicação organizada por Ivo Castro, em 1988 – coletânea de ensaios sobre a obra de Joseph-Maria Piel –, como se posicionavam quatro importantes autores que a precederam: José Leite de Vasconcelos, Serafim da Silva Neto, Pilar Vásquez Cuesta e Filipe Lindley Cintra.

Como se sabe, José Leite de Vasconcelos, nascido perto de um dos mosteiros cistercienses mais antigos de Portugal, em São João da Tarouca, é considerado um dos mais nobres pesquisadores do século passado, para além de médico, um homem de todas as letras; Serafim da Silva Neto era um intelectual pluriapto, sendo capaz de discorrer sobre diversos temas e assuntos, mas sempre voltado para a questão da história da língua portuguesa; Pilar Vásquez Cuesta, galega, foi professora emérita na Universidade de Santiago de Compostela, interessada na cultura dos povos de língua portuguesa, incluindo o Brasil; Luís Filipe Lindley Cintra, um dos mais importantes filólogos e linguistas portugueses, para além de orientador de Rosa Virgínia em Portugal, acolheu, nos inícios da década de noventa, dois jovens estudantes baianos da Universidade Federal da Bahia, hoje os professores Tânia Lobo e Dante Lucchesi, este titular de língua portuguesa, em substituição à *Professora Rosa Virgínia*. Para ela, a melhor história de alguém só pode ser contada se em seu entorno houver outros nomes, como o seu. Por isso não se estranhe a digressão.

Mas voltando às denominações utilizadas por esses autores, apenas a de Leite de Vasconcelos se apropria do termo *arcaico*, usado por *Mattos e Silva* para se referir ao tempo da língua, compreendido, aproximadamente, entre os inícios do século XIII e os meados do século XVI.

Os restantes oscilam, respectivamente, na conjugação denominativa de trovadoresco/português comum, galego-português/português pré-clássico e português antigo/português médio.

Sempre julgou *Rosa Virgínia Mattos e Silva* esses termos inadequados, pois confundiriam uso linguístico com uso literário ou mesmo por revelarem um certo grau de imprecisão, como no caso de *português antigo*, já que poderia este representar qualquer momento pretérito da língua, para o leitor desavisado.

Apesar de haver hoje novas tentativas de periodização, a exemplo da recentemente apresentada por Galves et al. (2006), com o par *galego-português/português hispânico*, que procura revelar duas gramáticas da língua portuguesa, a primeira até os finais do século XIV e a segunda que se estenderia até o final do século XVII, *Mattos e Silva* (2008b, p. 21), após avaliar fatos morfossintáticos e sintáticos, muitos dos quais pesquisados individualmente por membros do Grupo de Pesquisa PROHPOR, associa-os a indicadores socioculturais, demonstrando e assumindo a posição de que o período arcaico poderia ser dividido em duas fases, a primeira que iria do surgimento dos primeiros textos escritos – considerando-se aí a nova proposta de Ana Maria Martins de que o português já estaria registrado em 1175, com a *Notícia de Fiadores* –, até os finais do século XIV; e a segunda fase, desse momento, até os meados do século XVI, notadamente por volta de 1536/1540, com o surgimento dos primeiros testemunhos metalinguísticos do português, os de Fernão de Oliveira, com sua *Gramática da Linguagem Portuguesa* e de João de Barros, com a *Gramática da Língua Portuguesa*, a que se associam a enunciação do último auto de Gil Vicente e a morte de Garcia de Resende, ambas em 1536.

Aliás, foi *Rosa Virgínia Mattos e Silva* uma grande admiradora do trabalho de Fernão de Oliveira, primeiro gramático descritivista da língua portuguesa. As ideias desse homem *avant la lettre* ('vanguardista') são citadas em diversos livros ou mesmo artigos que produziu. Em *O Português Arcaico: Morfologia e Sintaxe* (1993) conclui o texto dedicado a seus leitores com o seguinte período, extraído da edição de Buescu (1975, p. 126): "Antes peço a quem conhecer meus erros que os emende; e, todavia, não murmurando em sua casa, porque desfaz em si". Em *Português Arcaico: Uma Aproximação*, termina o *Prólogo*, com a seguinte citação oliveirana: "Todas as cousas tẽ seu tẽpo: 7 os oçiosos o perdẽ," desta feita com base na leitura da edição anastática publicada por Torres e Assunção (2000). Quanto a essa última edição filológica de 2000, há na

UFBA, uma aluna de graduação, Jane Keli Almeida, que está procedendo a uma avaliação detida de todos os prováveis lapsos de leitura ou de aplicação de critérios, com base na edição *princeps* digitalizada.

Pois foram sempre Fernão de Oliveira e sua obra uma inspiração. No conhecido trabalho *Vitórias de ter sobre haver nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros* (MATTOS E SILVA, 2002), é daquele gramático precursor nascido em Aveiro, a cidade beirão conhecida por Veneza portuguesa, a primeira linha com que rabisca o texto: (...) “das cousas nascem as palavras e não das palavras as cousas”; e também a última no fechamento de sua ideia: “(...) os homens fazem a língua (...)” (OLIVEIRA, 2000).

É pelas escolhas que são feitas que se conhece o ser que se é ou, ao menos, que se imagina ser. Na epígrafe de *O Português São Dois...* (2004, p. 5), Mattos e Silva remete mais uma vez a Fernão de Oliveira: “Alguns que escrevem livros acostumam fazer, nos princípios, prólogos de sua defensão, o que eu não fiz. E tenho esta razão: que me não quero queixar antes de ser ofendido”.

Partilhava ela também da mesma humildade em relação à sua obra e a preocupação em fazer o melhor de si, aceitando as críticas que a pudessem corrigir e emendar, pois só assim se poderia falar em ciência.

Poder-se-ia arriscar comparar *Professora Rosa Virgínia*, com a devida *venia*, às características que detém o galo, entre todas as *animálias* que são associadas às qualidades humanas no documento que, ainda jovem, ajudou a editar, o *Livro das Aves*, porque

(...) o galo quando quer câtar sacude as aas e fer-se¹⁴ cõ elas e espartasse mais, assi o bõo preegador ante que preegue primeiramẽte s’afaz pera viver bẽ e sanctamẽte per bõos costumes e per bõas obras (...) os galos fazẽ seu officio cõ verdade (...) (*Livro das aves*, ROSSI, 1965, p. 28-29).

Mas poderia ser também associada às características da *andorinha*, figura mais elegante do que o *galo*, diga-se, já que há esta

conhocimento natural pera fazer seu ñho em logares firmes (...) e nõ em logares que ligeiramẽte possa caer, nõ em logar muyto alto em que lhi o vëto ligeiramẽte poderia enpeecer.¹⁵ E per esto estẽdemo que os que fazẽ verda-

¹⁴ lat. *ferire* ‘bater’; ‘machucar’; ‘causar ferimento’.

¹⁵ lat. **impediscere*, incoativo de *impedire* (que denota o início de uma ação), ‘prejudicar’, ‘entravar’.

deyra peendêça nã se deleytã nos bêes daqueste mûdo que se passão ligeyramente, mas nos bêes da gloria do parayso que sempre durã (...) *(Livro das aves, p. 35)*

como é o caso de sua obra.

Professora Rosa Virgínia parecia se orgulhar de conjugar as habilidades e os conhecimentos sobre a história da língua à sua ação política no universo em que se inseria. Sua fibra, iniciativa e personalidade, características próprias a grandes líderes, permitiram a consolidação do *Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR)*, com verve intelectual centrípeta, estimulando o diálogo de diferentes correntes teóricas em torno de um objetivo fundamental, que seja o entendimento do processo de constituição do português na história, através do trabalho de formação e especialização de estudantes de iniciação científica, de mestrado e doutorado, e na troca de experiências e de conhecimentos com os outros, já então, pesquisadores do grupo.

Costumava advertir seus seguidores ou discípulos de que o trabalho de orientação pressupunha, também, uma boa dosagem de paciência e bom conhecimento da natureza humana, pois cada orientando seria um universo incognoscível, o qual o orientador deveria saber desvendar. Note-se que quando fundou o PROHPOR era a única que detinha o título de doutor. No ano de seu falecimento estavam cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa 23 (vinte e três) pesquisadores. A vida acadêmica da Professora Doutora *Rosa Virgínia Barretto de Mattos Oliveira e Silva* é, pois, consequente e insigne.

Registre-se, ainda, que foi ela um dos fundadores, no ano de 1969, da *Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN*, assim como membro de diversas outras associações científicas, participando de vários conselhos editoriais de periódicos indexados da área da linguística, da sociolinguística e da língua portuguesa, do País e do exterior. Mas não só. Sem perder de vista o português arcaico, ainda sem ter o doutorado defendido, aventura-se, em 1969, com o marido, Pedro Agostinho, no Xingu, reafirmando seu interesse social pela diferença, pela alteridade cultural e linguística, em especial pela questão do índio brasileiro. Dessa experiência, organizou o livro *Sete Estudos sobre o Português Kamayurá*, com a contribuição de outros colegas, cujos originais só viriam a público quase vinte anos depois de sua aventura xingwana, em 1988.

O trabalho da Professora Doutora *Rosa Virgínia Barretto de Mattos Oliveira e Silva* é, pois, de natureza diametral, no sentido em que se

constituiu em ponto supremo, para que e de onde fluíram e refluíram e continuam a fluir e refluir atenções e interesses acadêmico-científicos pelo estudo da língua portuguesa, haja vista serem muitos dos títulos, por si publicados, referência bibliográfica essencial nessa área do conhecimento humano, como se pôde observar.

Antes de sua despedida, foi formalmente nobilitada na Universidade Federal da Bahia com o título de Professor Emérito, honraria que poucos hão de haver individualmente, mas que pôde ela compartilhar, em seu discurso de aceitação, com todos, por crer no trabalho coletivo. Será sempre uma honra para todos os que tiveram a oportunidade e o privilégio de a conhecer na dimensão de seu legado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Ivo (Org.). *Sete ensaios sobre a obra de J.-M. Piel*. Lisboa: Instituto de Linguística da Faculdade de Letras de Lisboa, 1988.

GALVES, Charlotte, Periodização e competição de gramáticas: o caso do português médio. In: LOBO, Tânia et al. (Orgs.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: Edufba, 2009, p. 65-74.

LABOV, William. Building on empirical foundations. In: LEHMANN W.; MALKIEL, Y. (Orgs.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982, p. 17-92.

LASS, Roger. *Historical linguistics and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MACHADO FILHO, Américo V. L. *Diálogos de São Gregório*: edição e estudo de um manuscrito medieval português. Salvador: Edufba, 2008.

_____. *Um flos sanctorum trecentista em português*. Brasília: Universidade de Brasília, 2009.

_____. Prefácio à presente edição. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Salvador: Edufba, 2010, p. 3-4.

_____. *Fragmentos biográficos*: Rosa Virgínia Mattos e Silva. 2. ed. Salvador: Quarteto, 2013.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: IN-CM, 1989.

_____. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1993.

_____. *Contradições no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1995.

_____. Por que estudar no século XXI o português arcaico, antigo ou medieval. (Inédito).

_____. Linguística histórica: o estado da questão e reflexos sobre estudos históricos do português. *Cadernos Literatura & Linguística*, Mestrado em Letras da UFBA, 1993

_____. Vitórias de ter sobre haver nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros. In: ____; MACHADO FILHO, Américo V. L. (Orgs.). *O português quinhentista: estudos linguísticos*. Salvador: Edufba, 2002, p. 119-142.

_____. *O português são dois...: novas fronteiras, novos problemas*. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008a.

_____. *O português arcaico: uma aproximação*. 2 v. Lisboa: IN-CM, 2008b.

_____. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Salvador: Edufba, 2010.

_____. (Org.). *Sete estudos sobre o português kamaiurá*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1988.

MEGALE, Heitor. O testemunho da dúvida: A busca da boa edição. In: ____; MEDINA, Antonio Rodrigues; TEIXEIRA, Ivan. (Orgs.). *Para Segismundo Spina: língua, filologia e literatura*. 1. ed. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1995, v. 1, p. 135-149.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.

OLIVEIRA, Fernão de. *Gramática da linguagem portuguesa: introdução, leitura actualizada e notas de M. L. Buescu*. Lisboa: IN-CM, 1975.

_____. *Gramática da linguagem portuguesa*: edição crítica, semidiplomática e anastática de Amadeu Torres e Carlos Assunção. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 2000.

ROSSI, Nelson et al. *Livro das aves*: introdução leitura crítica, notas e glossário. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965.

SILVA, Agostinho da. *Pensamento à solta*: um manuscrito autógrafo. Introdução, leitura paleográfica, fixação do texto, notas históricas e filológicas de Pedro Agostinho. Salvador: Edufba, 2006.

TARALLO, Fernando. Zelig: um camaleão-lingüista. *D.E.L.T.A.*, vol. 1, n. 2, p. 127-144, 1986.